



Vol. 4 - Nº 7 - Jan./jun. 2009

p. 179-190

FLORESTAN FERNANDES E A VIDA UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE

Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão¹ - UERJ

Resumo: Este artigo tem como objetivo inventariar algumas contribuições da produção educacional de Florestan Fernandes a partir de seus escritos sobre universidade e algumas atividades desenvolvidas em seu trabalho docente, nos anos de 1941 a 1969, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. As fontes de pesquisa foram relatórios elaborados para a Congregação da Faculdade, artigos publicados em jornais, publicações sobre os dilemas do ensino superior da época e levantamento bibliográfico sobre a produção do autor. A re-leitura de autores clássicos, como Florestan Fernandes, torna-se referência importante para todos que desejam compreender as possibilidades e os limites da universidade no capitalismo dependente, e, também, oferece arsenal teórico para problematizar a atual exigência de produtividade do trabalho docente como um fim exclusivo para alcançar a qualidade educacional. Florestan aponta algumas diretrizes para se pensar a função social da universidade a partir da mudança empreendida no ensino de Sociologia, na concepção de pesquisa e de trabalho de grupo. O autor analisa a utilização do espaço universitário como meio para a contestação da ordem e faz a crítica aos dilemas sociais impostos pelo modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Universidade; Trabalho docente; Autonomia; Contestação e desenvolvimento intelectual.

FLORESTAN FERNANDES AND THE UNIVERSITY LIFE: REFLEXIONS ON THE TEACHING WORK

Abstract: The object of this article is to present some contributions from the educational production of Florestan Fernandes using his writings on the university and some activities developed in his teaching work, in the years 1941 to 1969, at the University of São Paulo. The sources used were reports elaborated to the board of the faculty, articles published in the newspapers, publications on the dilemmas of the tertiary teaching and others documents. The rereading of classical authors, like Florestan Fernandes, is an important basis for everyone who desire to understand the possibilities and the limits of the university inside the dependent capitalism, and also offers a theoretical arsenal to think about the nowadays requirements of productivity of teaching work as the only way to get a good educational quality. Florestan indicates some alternatives to think the social role of the university based on the changes of the sociology, the research conception and the collective work. The author analyses the utilization of the university as a space for the defiance of the order making critics of the social dilemmas imposed by the capitalist mode of production.

Keywords: University; Teaching work; Autonomy; Social struggle and intellectual development.

1. INTRODUÇÃO

Florestan Fernandes foi um intelectual do campo das Ciências Sociais que, no período de 1950 a 1995, produziu vasto material teórico e protagonizou diversas atividades e debates no campo educacional. Suas contribuições não se restringem aos textos que tratam explicitamente dos temas educacionais, ou seja, toda a sua produção oferece aportes para a análise de diversos dilemas educacionais na realidade do capitalismo dependente no Brasil.

Este artigo privilegia a produção que foca a universidade, pois esta foi central em sua trajetória formativa e profissional, especialmente de 1941 a 1969. Neste período, Florestan foi aluno e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O objetivo deste artigo, portanto, é expor as contribuições do trabalho docente de Florestan Fernandes na universidade. A análise destas contribuições destaca três atividades desenvolvidas no espaço universitário: 1º) a transformação do ensino de Sociologia, 2º) a pesquisa e os projetos coletivos e 3º) as atividades de contestação.

Atualmente as concepções de universidade pública, assim como os padrões de pesquisa acadêmica vêm sendo transformados pelas agências de fomento, cuja orientação, muitas vezes produtivista, provoca modificações substantivas no trabalho intelectual e nas formas de resolução dos dilemas universitários. Destarte, é forçoso retomar o estudo de autores clássicos que, a exemplo de Florestan Fernandes, sempre tiveram compromisso com “os de baixos”. Este retorno aos clássicos permite apreender argumentos e diretrizes presentes nas suas produções e torna possível buscar referências para aqueles que defendem uma universidade pública capaz de estabelecer diálogo com os dilemas sociais da sociedade no capitalismo dependente.

O artigo organiza-se em três partes. Na primeira apresenta-se o significado do espaço universitário como formação e trincheira de luta, da segunda parte constam as atividades que revelam as contribuições de Florestan a partir de seu trabalho docente e, na terceira, são explicitadas algumas considerações finais.

2. O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: FORMAÇÃO E TRINCHEIRA DE LUTA

Florestan foi docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP), primeiro como professor assistente da cadeira de Sociologia II (1945), sob a orientação de Fernando de Azevedo, e mais tarde (1952) assumiu como professor a cadeira de Sociologia I, no lugar de Roger Bastide. No ano de 1953, tornou-se livre-

docente com a tese “Ensaio sobre o método de investigação científica”. A partir do golpe civil-militar, que operacionalizou a contra-revolução preventiva, Florestan foi obrigado pelo Ato Institucional Nº5 – baixado em 13 de dezembro de 1968 – a deixar a Universidade, sendo-lhe imposta a aposentadoria compulsória em 1969.

No período de sua formação, estudo traduzia-se por trabalho árduo e o desenvolvimento intelectual proporcionava ao estudante *ser alguma coisa*. Isto deixou-lhe marcas e ampliou seu horizonte intelectual, especialmente no seu trabalho artesanal como professor, pesquisador, militante e homem panorâmico².

O trabalho docente de Florestan deve ser compreendido na totalidade de sua participação ativa na universidade, na sua trajetória de intelectual e de homem. Mais que um espaço de exercício da profissão, a universidade foi o espaço de ser do autor. Nele, em diferentes situações, exerceu com radicalidade seu fervor científico e revolucionário e, trabalhando intensamente, desenvolveu uma obra que, mais tarde, permitiu-nos melhor compreender e explicar a realidade do capitalismo dependente no Brasil. Não é sem base material que Miguel Urbano Rodrigues, ao ler os textos sociológicos de Florestan da década de 1950, observou o pulsar de vida, e neles percebeu “o perfil do lutador que emerge dos seus trabalhos, mesmo quando acadêmicos” (RODRIGUES, 2004, p.308).

O estudo teórico e a pesquisa científica serviram como instrumentos de ampliação de sua formação intelectual, consciência crítica e cumpriram papéis determinantes na trajetória de Florestan. Isto explica sua identificação com a temática educacional³ explicitada em sua atividade como intelectual professor e construtor da Sociologia crítica, organizador de grupos de pesquisa, defensor da escola pública, grande ativista da reforma universitária e publicista.

A opção pelo estudo foi para Florestan exigência e arma indispensável na luta contra a ordem, especialmente por ter sido o instrumental que lhe permitiu o aprofundamento da formação teórica a partir da leitura dos clássicos do pensamento científico. Esta opção tem relação com a seguinte afirmação de Lênin: “Engels reconhece na grande luta da social-democracia *não duas formas* (a política e a econômica) – como se faz entre nós – *mas três, colocando a seu lado a luta teórica*” (1979, p.96. Destaque de Lênin).

No final dos anos 1950 e na década de 60, Florestan, mesmo fora de partido, pôde associar a vida institucional com a militância, pondo em prática a indissociabilidade entre a teoria e a ação política através da luta de defesa da educação pública (Campanha de Defesa da Escola Pública e Reforma Universitária). Esta articulação entre teoria e prática pode ser relacionada com as análises desenvolvidas por Engels sobre a necessidade do movimento operário e do movimento comunista atuarem de forma concomitante e articulada em três frentes de luta: teórica, política e econômica.

A preocupação de Florestan era desenvolver a crítica da universidade existente e apressar, através da ciência, os instrumentos necessários para que ela, universidade, contribuísse para os avanços sociais, ainda que dentro do capitalis-

mo, ou seja, que pudesse superar a dimensão de uma “universidade numa sociedade pobre, com problemas graves de desenvolvimento econômico, social e político”⁴. Ao contrário dos intelectuais e dos militantes que levantavam a bandeira do desenvolvimentismo como uma alternativa para superar os nossos dilemas sociais, Florestan não tinha ilusão de alianças com setores mais nacionalistas da burguesia nacional⁵.

Por outro lado, o fato de não ter ilusão com o papel revolucionário da burguesia no Brasil não impediu que Florestan fosse otimista em relação às alternativas de transformação, como a luta pela reforma universitária e o papel da ciência na superação dos nossos problemas sociais. Não se trata da ilusão de que a transformação, a partir da instituição, pudesse modificar a sociedade. Em artigo escrito em 1966, ele tem como referência histórica, para compreender a luta pela reforma universitária no Brasil, o livro de José Carlos Mariátegui intitulado *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*.

Apesar do entusiasmo com a reforma universitária no Brasil (que chegou a lhe causar problemas de saúde devido ao seu intenso envolvimento na luta), Florestan tinha clareza teórica de que, ao tomar como referência histórica os demais países da América Latina, a reforma no Brasil estava atrasada e tinha limite pedagógico, intelectual e político⁶.

De acordo com Mariátegui (1975), a questão da luta de classes aparece associada à luta pela reforma universitária em muitos países da América Latina (Argentina, Uruguai, Chile, Peru etc.) dos anos 1920, extrapolando os objetivos exclusivamente universitários:

Este é o pensamento dos mais capacitados porta-vozes da nova geração estudantil, no julgar as origens e conseqüências da luta pela Reforma. Todos estão de acordo em que este movimento, que apenas esboçou seu programa, está muito distante de se propor objetivos exclusivamente universitários, e em que, pela estreita e crescente vinculação ao surgimento das classes trabalhadoras e a derrubada de caducos privilégios econômicos, só pode ser entendido como um dos aspectos de uma profunda renovação latino-americana” (p.86)

Para Mariátegui, as mudanças na base material destas sociedades exigiam as reformas universitárias dos anos 1920 e explicam a crescente renovação e a nova geração estudantil. Para a classe média, inicialmente, a universidade era suficiente porque exercia a função social de fornecer diplomas, mas, com a expansão da industrialização, desponta um outro perfil de universidade. A necessidade de maior especialização empurra os estudantes para as ruas a fim de exigirem novos métodos, atualização das correntes do pensamento com as teorias universais e a ligação da universidade com os dilemas da sociedade. Segundo Mariátegui, este processo começa como uma demanda interna sobre a função da universidade, mas, quando se associa à formação dos núcleos estudantis, extrapola os muros da instituição educacional, passa a pôr em prática a solidariedade de classe e incentiva o estudo do marxismo.

Na realidade brasileira, os escritos de Florestan sobre a Universidade e sua participação na luta pela reforma universitária em 1968 representam a continuação dos embates contra a reação conservadora no plano do ensino, ou, como afirma nosso autor: “a obra do regime ditatorial resultou de um conluio do espírito conservador com o controle imperialista de nossa cultura” (FERNANDES, 1975a, p. XI).

Embora estivesse em contexto diferente do das reformas universitárias de 1920, período sobre o qual escreveu Mariátegui, Florestan percebeu que:

‘soluções técnicas’, que podiam ser fundamentadas sociologicamente e constituíam requisitos de dinamização da ordem econômica e cultural inerente a uma sociedade capitalista, mesmo na periferia e apesar das pressões negativas das forças contra-revolucionárias e do imperialismo. Em consequência, as exposições ficavam dentro do que poderia chamar, sociologicamente, de ‘revolução dentro da ordem’. (FERNANDES, 1975a, p.VII)

3. CONTRIBUIÇÕES DE FLORESTAN: ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E CONTESTAÇÃO

Florestan foi central na constituição da Sociologia brasileira e transformou o espaço universitário a partir do seu trabalho docente. Nas atividades de ensino ele e Antonio Candido instituíram mudanças significativas. Uma destas transformações, sem dúvida, aconteceu na metodologia de trabalho no ensino de Sociologia.

Saviani (1996) sistematizou importantes aspectos da docência de Florestan, que ilustram suas contribuições para o campo educacional. Foi um educador, formador de homens, e a cadeira de Sociologia tornou-se o espaço de formação destes homens. Como professor, ele soube diferenciar a função da pesquisa e do ensino⁷. O ensino de Sociologia e a pesquisa sociológica dobraram a rude individualidade de Florestan (aprofundada nas ruas de São Paulo quando lutou pela sobrevivência), criando nele uma “segunda natureza”.

Outros aspectos destacados por Saviani são a radicalidade com que Florestan assumiu sua experiência no mestrado, permitindo-lhe alcançar os instrumentos necessários para a formação do pesquisador, e sua visão da sala de aula como um laboratório que exigia do professor, por exemplo, cursos introdutórios e superação da especialização fragmentada do pesquisador.

Ao iniciar a vida universitária, Florestan percebeu suas limitações de estudante que havia entrado na universidade com uma formação adquirida em Curso de Madureza. Esta situação difícil exigiu dele muito estudo, disciplina, dedicação e trabalho como autodidata. É ele quem diz: “o curso que eu fiz era inadequado para cá. Há uma visão elitista do que foi a Faculdade de Filosofia e uma visão, vamos dizer, concreta. O que era essa faculdade para os pobres coitados que viviam e saíam do nosso mundo cultural?” (FERNANDES, 1995b, p.8). Os estudantes tinham diante de si desafios diversos que exigiam uma carga extensa de leituras para

acompanhar a dinâmica de trabalho dos professores estrangeiros. Os estudantes não ganhavam ‘mamadeira’, dizia Florestan. No entanto, se isso possibilitou o amadurecimento e o desenvolvimento intelectual do aluno “a ferro e a fogo”, de outro lado, era questionável o fato de ministrarem aulas como se a formação do aluno brasileiro fosse igual à formação do aluno europeu.

A ênfase na leitura dos clássicos, sem um ponto de partida na aprendizagem elementar, contribuía para o descuido da formação básica necessária ao cientista social. Segundo Fernandes (*op.cit.* p.6), “alguém que lê diretamente certos textos de autores clássicos, sem ter um ensino básico seguro, ganha vantagem [...] Porém fica com a retaguarda prejudicada, porque há uma aprendizagem elementar inicial que não se fez e não se fazia por preconceito”⁸. Pode-se inferir que os dilemas da realidade brasileira e o desenvolvimento intelectual do estudante concreto levaram Florestan e sua geração a buscarem “entrosar o ensino com as potencialidades culturais do ambiente.” (*op.cit.*, p.5).

É possível refletir sobre algumas dimensões das diretrizes pedagógicas empreendidas por Florestan no exercício da docência. A primeira tem relação com a finalidade pedagógica de propiciar condições ao desenvolvimento intelectual do estudante concreto na Universidade brasileira. Cabe, no entanto, ressaltar que, de acordo com Weffort (1996, p.50), Florestan contribuiu com um novo padrão para o desenvolvimento intelectual do estudante de Ciências Sociais (herança que Florestan herdou dos mestres estrangeiros), modelo que articula a dimensão política de defesa da escola pública para além da universidade. Assim, prioriza a defesa do ensino público em “todo o sistema da escola pública nacional [...] sobretudo desse período dos combates pela escola pública, está o Florestan político, extremamente presente e importante na formação de seus estudantes”.

A segunda dimensão deste novo padrão de desenvolvimento intelectual do estudante pressupunha a organização básica de conceitos elementares e centrais, leituras e estudo da produção existente, especialmente dos clássicos, e reflexões que superassem qualquer tipo de improvisação no trabalho docente. Esta diretriz foi materializada nos cursos introdutórios e na preocupação de sistematizar e ampliar os horizontes, através das extensas bibliografias, cujos conhecimentos são essenciais para o desenvolvimento da produção do conhecimento crítico e criativo. Portanto, a inquietação com o “elementar, que é essencial e às vezes também é geral” não significou o aligeiramento ou a superficialidade teórica, pelo contrário, os relatos dos seus ex-alunos atestam que, para Florestan, o trabalho intelectual era literalmente trabalho, por isso ele preparava as aulas com profundidade. Nestas ficava evidente um trabalho árduo e sistemático.

A terceira dimensão da diretriz pedagógica da atuação docente de Florestan refere-se à teoria, não como uma abstração restrita ao mundo das idéias, mas como um instrumento essencial e central de análise da realidade. A centralidade conferida à teoria no trabalho docente e no desenvolvimento da pesquisa sociológica em Florestan nos permite instituir relações com a discussão central que o método tem no materialismo histórico e dialético.

Para o marxismo, não é possível separar a ação do conhecer da teoria. Esta informa a compreensão de mundo, de homem e de História. Há uma articulação entre o conhecimento, o método e a teoria. O conhecimento como expressão do real impõe o enfrentamento e a coerência entre as dimensões ontológicas (matéria e espírito) e gnosiológica (sujeito e objeto). A concepção de Florestan sobre a função da teoria vai ao encontro de uma das preocupações fundamentais de Marx e Engels: o método como central para que o conhecimento seja a expressão do real.

Quanto à crítica da teoria como abstração, na metodologia de ensino dos antigos mestres, é possível novamente estabelecer relação com um dos princípios centrais da produção de Marx e Engels, ou seja, da primazia da matéria sobre as idéias. O pensamento, mesmo o mais simples, supõe uma totalidade concreta viva, uma materialidade que deve ser considerada, inclusive, na prática docente e na relação com o estudante.

A partir destas dimensões, Florestan implementa mudanças essenciais no ensino de Sociologia, com destaque para os cursos introdutórios que trabalhavam com conceitos fundamentais na formação do cientista social e do sociólogo. Desta forma, diz Florestan: "Só mais tarde, no caso do Departamento de Sociologia e de Antropologia, por influência minha e do Antonio Candido, é que se procurou dar mais atenção ao ensino básico, procurando instruir o estudante naquilo que é elementar, que é essencial e às vezes também é geral" (FERNANDES, 1978, p.7)

Uma segunda atividade que merece destaque foi o seu trabalho na pesquisa e no grupo por ele liderado, que estava aberto ao talento, independente da posição política do pesquisador. Esta atividade surge a partir da organização do grupo de trabalho e dos projetos coletivos que foram determinantes para o desempenho das pesquisas interdisciplinares e a colaboração intelectual no espaço universitário. Antonio Candido reafirma, em diferentes entrevistas, que o trabalho da UNESCO sobre os negros redimensionou a concepção de Sociologia de Florestan, pois, quando trouxe o Movimento Negro para debater os seus dilemas dentro da Universidade, instituiu uma inovação radical no espaço universitário da USP. Pode-se afirmar que este trabalho deixou marcas substantivas e contribuiu com a rotação que Florestan procedeu na sua trajetória acadêmica, pois "do ponto de vista da política universitária, a pesquisa sobre os negros de São Paulo marcou o início da formação de um grupo intelectual." (SEREZA, 2005, p.103).

Por outro lado, o padrão brasileiro de Escola Superior impunha limites ao desenvolvimento do pesquisador tradicional. Esta constatação fez Florestan transformar a sua ambição de pesquisador individual para constituir "uma equipe e usá-la, do modo mais racional possível com relação aos fins visados – a formação de um verdadeiro grupo de sociólogos pesquisadores – para criar o espaço necessário à sua própria consolidação e crescimento gradual." (FERNANDES, 1980, p.183).

A organização de equipe e de projetos coletivos, que visava a construção de um novo padrão científico, começou com aqueles que tinham interesse pela pesquisa empírica sistemática e concordavam minimamente com os projetos que Florestan

vislumbrava para a consolidação e crescimento do grupo. Quando Florestan assume a cadeira de Sociologia I, opta por:

escolher pessoas que haviam sido meus estudantes e para as quais eu tinha um certo ideal de carreira. Eu não tinha um objetivo inflexível, mas gostaria que os novos professores não enfrentassem as mesmas limitações, e dificuldades, e que pudessem dar uma contribuição maior tanto no terreno da investigação empírica, quanto no da construção da teoria. Foi nesse sentido que me orientei. Trabalhando com esse grupo a ênfase se deslocou da minha carreira como sociólogo individual, para a constituição de um grupo que deveria produzir sociologia⁹. Assim, a minha ambição sofre uma rotação completa. Em vez de estar preocupado com o que me cabia fazer como sociólogo, me preocupava com o que eu devia fazer, a partir e através da Universidade, para formar um grupo de sociólogos. (FERNANDES, 1978, p.22).

A dinâmica do trabalho em equipe e a implementação dos projetos¹⁰ geraram determinadas competições entre os pesquisadores e, ao mesmo tempo, propiciaram a colaboração intelectual. Estimulava-se “uma corrida aberta [...] no que se referisse à produção intelectual. Não contávamos com fontes doadoras de recurso e, por iniciativa minha, não aceitávamos qualquer vinculação com fundações estrangeiras.” (FERNANDES, 1980, p.185).

A preocupação com a autonomia intelectual na vida universitária é crescente na década de 1950 e explica sua iniciativa de cuidado com as dotações financeiras das fundações. A competição ficava circunscrita à atividade intelectual. Quanto à colaboração intelectual, a criação da universidade foi central para o seu desenvolvimento e, com a criação do trabalho em equipe, as possibilidades foram multiplicadas. A preocupação com a autonomia intelectual na universidade fica explícita no discurso de paraninfo, em 1957, quando afirma que:

A situação não comporta vacilações: os professores precisam defender com destemor a liberdade de pensamento, seu direito de proclamar quais são as fontes da estagnação da pesquisa científica na Universidade de São Paulo e seu dever de fazer críticas construtivas, que permitam remover os prejuízos ocasionados por imprevidente contenção de gastos públicos na esfera dos serviços universitários (FERNANDES, 1966, p.303).

A terceira atividade de Florestan foi a prática da contestação, da rebeldia crítica e da radicalidade, explicitadas nos documentos da Congregação ou nas manifestações públicas que se traduzem no enfrentamento das condições materiais precárias, na luta pela democracia na universidade, na participação da Campanha de Defesa da Escola Pública, na participação dos debates pela reforma universitária, no apoio às lutas anti-fascistas dos portugueses exilados no Brasil e pela libertação das colônias portuguesas na África etc. Portanto, as atividades de questionamento da ordem iam desde as condições e organização de trabalho dentro da universidade

até a assinatura de manifestos e atividades de solidariedade nacional e internacional.

Desde 1959, Florestan assinava documentos e manifestos contra a repressão salazarista e diversos documentos de solidariedade à luta antifascista em Portugal. No ano de 1961, apoiou e participou do movimento afro-brasileiro pró-libertação da Angola-MOBLA, conforme relato de Miguel Urbano Rodrigues. Florestan, tal como fez com o Movimento Negro na ocasião da pesquisa patrocinada pela Unesco (1951), abriu as portas da universidade para a constituição de um núcleo de apoio e manifestação de solidariedade à luta pela descolonização de Angola. Estas atividades explicam o monitoramento¹¹ que sofreu desde 1940, com maior intensificação nos anos 60.

Um outro exemplo foi o episódio da prisão de Florestan, dois ou três meses depois do golpe, quando ele explicitou, mais uma vez, a sua rebeldia crítica ao insistir em entregar uma carta como forma de protesto (algo raro na universidade naquele momento do pós-golpe) e como condição para prestar o seu depoimento.

Nas palavras de Rodrigues (2004, p.310), Florestan exerceu um grande papel nesta luta antifascista, especialmente pelo empenho que empreendeu para que o coletivo tivesse boa receptividade na USP, nas suas produções (1994) sobre a realidade de Portugal e nas intervenções que marcaram o seu perfil internacionalista.

Secco (1998) desenvolveu uma interessante reflexão sobre as produções de Florestan e suas análises do fascismo em Portugal, chamando atenção para o arcabouço teórico da reflexão sobre a revolução e a contra-revolução, comparável ao nível teórico dos escritos sobre Cuba.

A rebeldia crítica e a radicalidade expressas na participação política de enfrentamento da ditadura fascista portuguesa e da ditadura brasileira têm sido pouco valorizadas nos escritos sobre a trajetória e a produção de Florestan. Nessas atividades, pode-se observar, mais uma vez, a articulação do professor, acadêmico, cientista e do acadêmico militante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a Universidade na produção de Florestan Fernandes apresenta várias possibilidades temáticas. Neste artigo optou-se por focar o conjunto de atividades que podem ser consideradas referências a partir do seu trabalho docente. Na realidade brasileira, a partir dos anos de 1990, aconteceram diversos reordenamentos nos instrumentos legais e na administração política dos diferentes níveis da educação brasileira. Isto vem proporcionando alterações substantivas no cotidiano das instituições educacionais.

No caso da universidade, o financiamento público, a autonomia e o comprometimento social da pesquisa – que serviram de argumentos para as lutas travadas por Florestan no seu trabalho intelectual – continuamente têm sido aviltados e

encarados como algo secundário no espaço institucional. Desse modo, concordamos com ele quando afirma que “a violação de um direito, por desprezível que seja, não sendo reprimida a tempo, acarreta a violação progressiva de outros direitos e a própria desagregação da ordem democrática” (FERNANDES, 1966, p.296).

É possível inventariar as seguintes contribuições da produção e do trabalho docente de Florestan Fernandes para se refletir sobre a universidade atual:

1) preocupação com as condições para o desenvolvimento intelectual do estudante da universidade brasileira.

2) consideração da instituição universitária em sua totalidade e denúncia da falta de condições materiais e intelectuais para o trabalho docente e o estudo discente.

3) defesa da autonomia do trabalho docente na universidade e, por isso, restrições e cuidado com o financiamento de fundações estrangeiras.

4) instituição de padrão intelectual que pressupõe a formação básica de conceitos essenciais, estudo da produção existente, especialmente dos clássicos, e a superação da improvisação e da especialização do trabalho docente na sala de aula.

5) formação intelectual que articule a dimensão política de defesa da escola pública e da universidade pública.

6) afirmação do trabalho intelectual vivido literalmente como trabalho, isto é, pressupõe trabalho árduo na preparação das aulas, leituras sistemáticas, conhecimento dos autores que formam a história da sua área de ensino e estudo aprofundado das produções que auxiliam o aprendizado dos conceitos essenciais de cada área.

7) asserção da teoria como instrumental de análise nas atividades de ensino e da pesquisa através da explicitação das metodologias dos autores indicados e da organização do essencial para o crescimento intelectual do aluno.

8) crítica da expansão da pesquisa como um fim em si mesmo e defesa da pesquisa como meio para explicar a realidade e contribuir para a transformação social.

Conclui-se, assim, que as atividades exercidas por Florestan Fernandes devem ser referências essenciais para a atual luta de defesa da universidade pública, para o desenvolvimento de um padrão científico que objetive orientar a inteligência quanto à observação e à interpretação dos fatos e para a instituição do trabalho intelectual comprometido com as lutas sociais existentes na realidade brasileira e latino-americana.

5. REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. de. **História de minha vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- CANDIDO, A. **Florestan Fernandes**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.
- FERNANDES, F. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus editora, 1966.

_____. **Universidade brasileira: reforma ou revolução.** São Paulo: Alfa-Omega, 1975a.

_____. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975b.

_____. **A sociologia numa era de Revolução Social.** Rio de Janeiro: Zahar ed., 1976.

_____. **A condição de sociólogo.** São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. Introdução. In:—. **Lenin.** São Paulo: Ática, 1978b (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 5)

_____. **A sociologia no Brasil: contribuição de sua formação e desenvolvimento.** 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

_____. **O desafio educacional.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Democracia e desenvolvimento.** São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

_____. **A contestação necessária.** São Paulo: Ática, 1995a.

_____. Florestan Fernandes, histórias e histórias. **Novos Estudos**, nº42, julho, 1995b.

LENIN, V. **A Falência da II Internacional.** São Paulo: Kairós livraria e Editora, 1979.

MARIÁTEGUI, J. C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana.** São Paulo: alfa-ômega, 1975.

_____. **Temas de educacion.** Lima: Biblioteca Amauta, 1984.

MARX, K. e ENGELS, E. **Ideologia Alemã.** Lisboa: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes, s/d1. Volume I e Volume II.

_____. Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas. In: MARX, K. e ENGELS, Friedrich. **Textos.** SP: Edições Sociais, v.III, s/d3.

RODRIGUES, M. U. **O tempo e o espaço em que vivi.** II Revolução e contra-revolução na América Latina. Porto: Campos Letras, 2004. II Tomo.

SAVIANI, D. Florestan Fernandes e a Educação. **Estudos Avançados.** São Paulo, EDUSP, no. 10(26), 1996.

SECCO, L.F. A sociologia como previsão: Florestan e a Revolução dos Cravos. In: MARTINEZ, P.H. (org.) **Florestan ou o sentido das coisas.** São Paulo: USP, 1998.

SEREZA, H.C. **Florestan: a inteligência militante.** São Paulo: Boitempo, 2005.

WEFFORT, F. Lembrança de Florestan. **Estudos Avançados**. São Paulo, EDUSP, nº.10(26), 1996.

Notas

1 Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

2 Florestan Fernandes é considerado um homem panorâmico com base na definição empregada por Mariátegui (1984) cuja afirmação propunha que uma Universidade criativa deveria ter mestres com coragem intelectual para protagonizar os debates do seu tempo, ter posição ideológica numa perspectiva renovadora, combativa e sensível às preocupações, às angústias e aos dramas da história humana, e acrescenta-se, principalmente, aos dramas dos “de baixo”. Nas reflexões sobre a crise da Universidade – que ele identifica como uma crise de mestres e de ideais – apresenta o conceito de homem tubular e homem panorâmico. O grande mestre da Universidade criativa deve superar o homem tubular e transformar-se em homem panorâmico. O professor tubular é aquele que exerce a profissão fechado em si mesmo e permanece limitado ao universo da sociedade burguesa. O intelectual panorâmico é um mestre com ideais de presente, futuro e que consegue dialogar com o mundo através dos vários aspectos da ciência e da vida.

3 Apesar de Florestan afirmar que ele era “um não especialista longamente engolfado nas lutas pedagógicas” (FERNANDES, 1989, p.7)

4 Esta preocupação é evidente em FERNANDES (1966), especialmente, nos relatórios das comissões da faculdade e nos artigos escritos para a imprensa.

5 Posteriormente aos anos de 1950 com a sua sistematização da caracterização sociológica da revolução e, em específico a produção sobre a revolução burguesa no Brasil, Florestan pode confirmar teoricamente o quanto foi correta sua posição crítica com relação ao desenvolvimentismo e às possibilidades de aliança dos trabalhadores com os setores modernos da burguesia nacional.

6 O estudo do livro de Mariátegui possibilitou compreender alguns elementos históricos que fizeram da universidade uma trincheira de luta para Florestan.

7 Para Florestan, a função do ensino, dentre outras, pressupunha que o conhecimento ministrado nas aulas precisava ter centralidade no essencial, e por outro lado, ser transmitido de forma clara e concisa para garantir a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual do aluno.

8 Conta Florestan “que o preconceito era tão grande que quando se lia um manual isto era feito escondido. Foi graças a um professor de História, francês, que esteve aqui, que uma parte desse mito foi destruída. Ele contou em público que estava se preparando para um concurso e, nesta fase, a melhor coisa que julgava poder fazer consistia em ler uma introdução elementar ao seu campo de trabalho. Assim, refrescava a memória e se punha em contato com os problemas gerais e essenciais.” (FERNANDES, 1978, p.7).

9 Em outro livro, descreve Florestan “o fato é que, fins de 1954 e no início de 1955, já dispunha de um pequeno grupo, que podia trabalhar articuladamente comigo, e, em conjunto, nós mesmos forjamos o espaço para continuarmos crescendo” (FERNANDES, 1980, p.183).

10 No livro *A sociologia na era de revolução social*, encontram-se os três projetos que Florestan escreveu, são eles: “Raça e sociedade: o preconceito racial em São Paulo” de 1951, “Economia e sociedade no Brasil - análise sociológica do subdesenvolvimento”, de 1962 e “A empresa industrial em São Paulo” de 1962.

11 SEREZA (2005, p.140) descreve que no “departamento de Ordem Pública e Social (Deops), a presença do nome Florestan em uma quantidade enorme de relatórios mostra o quanto o sociólogo era visto como um problema pelas autoridades [...] que fora eleito para a diretoria da União Cultural Brasil-União Soviética em 1963.

Recebido em: 07/04/ 2009.

Aprovado para publicação em: 10/08/ 2009.